

Banco do Brasil apresenta

O Cinema da BOCA DO LIXO
A Produção de A. P. GALANTE



Oswaldo de Oliveira



Ody Fraga e Matilde Mastrangi



Rogério Sganzerla e Carlos Reichenbach



Antonio Polo Galante e Alfredo Palácios



Antonio Meliande e Miro Reis



Rua do Triunfo

O Cinema da Boca do Lixo *A Produção de A. P. Galante*

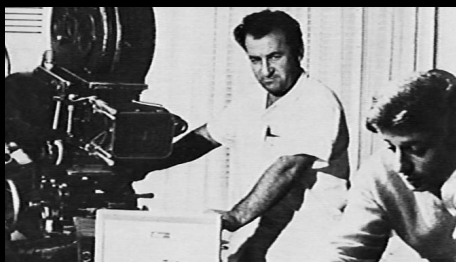
Cenários de produção artística freqüentemente são formados pelo agrupamento geográfico de pessoas com os mesmos interesses e focos. Foi o que aconteceu no Centro de São Paulo na década de 1970. A região da Boca do Lixo reuniu, em suas ruas e prédios, produtores, autores e atores, além de estúdios e empresas.

Naquela época, o cinema ganhava um caráter popular, levando pela primeira vez às salas de projeção um público grande, formado basicamente por pessoas das classes menos privilegiadas. Esse fenômeno aconteceu graças ao trabalho de muitos nomes que serviram à história da sétima arte brasileira. Um dos principais deles é o cineasta Antonio Polo Galante, homenageado pelo Centro Cultural Banco do Brasil na mostra “O Cinema da Boca do Lixo — A Produção de A. P. Galante”.

Com a exibição de filmes raros — inclusive de um inédito — e de documentários que contam o que a Boca do Lixo foi para o cinema paulistano, o evento apresenta a todos essa produção, mostrando que, além das comédias eróticas dos anos 70-80, aquele cinema também entreteve o público com filmes de terror, de faroeste, caipiras, experimentais, policiais, dramas e de outros gêneros.

Dessa maneira, o Banco do Brasil resgata uma face do cinema brasileiro pouco conhecida pelas novas gerações, permitindo ao público compreender melhor a formação da cultura cinematográfica e as obras que fizeram história.

No reduto da Boca do Lixo a regra era produzir a toque de caixa. Filmes de cangaço, de terror, de sexo explícito, policiais, experimentais, dramas e pornochanchadas fizeram uma ponte direta com um público popular que, não por acaso, lotava as salas em busca de entretenimento. Durante a década de 1970, foram produzidos no Brasil aproximada-



mente oitenta filmes por ano — e cerca de 40% deles saíram da Boca. Em 1986, a sexta edição do *Cinejornal*, publicação editada pela Embrafilme, fez um ranking das 25 maiores bilheteiras brasileiras entre 1970 e 1984. Na lista, apenas dois filmes produzidos na Boca: *Independência ou morte* (1972), de Carlos Coimbra, e *Coisas eróticas* (1982), de Raffaele Rossi e Laente Calicchio (com 2,974 milhões e 4,525 milhões de espectadores, respectivamente). Porém, filmes como *A ilha dos prazeres proibidos* (1978), de Carlos Reichenbach, *Convite ao prazer* (1980), de Walter Hugo Khouri, e *A filha de Emmanuelle* (1980), de Osvaldo de Oliveira, parecem ter tido sucesso semelhante — grosso modo, foram confeccionadas sessenta cópias de exibição para o lançamento de cada um deles. Há registros de que alguns desses filmes teriam feito milhões de espectadores, mas a falta de transparência na divulgação do número de ingressos vendidos e o desdém em relação a essa produção, inclusive por parte de seus integrantes, nos impedem de chegar a um resultado conclusivo. É sabido, contudo, que os produtores e exibidores envolvidos ganharam uma soma considerável de dinheiro.

Um dos maiores nomes da Boca do Lixo é Antonio Polo Galante, produtor de quase setenta filmes e parceiro de Alfredo Palácios na extinta Servicine. A. P. Galante, como costuma assinar seus filmes, completa cinquenta anos de cinema em junho de 2004 e, para homenageá-lo, exibimos uma pequena parte de sua produção. Sua assinatura foi sinônimo de produções ligeiras — alguns filmes foram concluídos em duas semanas —, de baixo orçamento e de bom retorno de público, embora nem sempre tenha sido assim. Diferentemente de Palácios, que conhecera na Maristela, era uma pessoa mais turbulenta: ao assistir a um filme estrangeiro de que gostava já saía repleto de idéias para um novo enredo. Galante contou com parceiros fiéis como Inácio Araujo, Carlos Reichenbach, Antonio Meliande, Ody Fraga, Jairo Ferreira e Osvaldo de Oliveira. Tinha obsessão por dar título aos filmes e, para poder vendê-los aos exibidores, produzia o cartaz antes mesmo de o material estar pronto; mas sempre entregava tudo no prazo. Apesar de sua origem humilde e de ter sido desdenhado pela família, era uma espécie de príncipe da Boca, uma lenda viva do nosso cinema.

Realizar uma mostra dos filmes produzidos na Boca do Lixo é um desejo antigo, mas é também um projeto que ainda encontra obstáculos como a escassez de cópias de exibição e a falta de dados e informações sobre técnicos, atores, diretores e produtores. Esta mostra-piloto, realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil, começa com a obra de A. P. Galante, numa primeira tentativa de mudar esse panorama e de resgatar definitivamente uma produção pouco estudada que foi fundamental para a cinematografia brasileira.

Agradeço o incentivo de Jean-Claude Bernardet na realização desta mostra.

Trajetórias que se cruzam: A. P. Galante, Maristela e Boca do Lixo

Alessandro Gamo

Acompanhando o trabalho de Antonio Polo Galante como produtor, vemos o cruzamento de algumas trajetórias do cinema paulista.

Alfredo Palácios foi uma das principais figuras da Companhia Cinematográfica Maristela nos anos 50: atuou como gerente de produção, produtor, diretor, roteirista e dialoguista, em pelo menos nove filmes. Graças a Palácios, Galante conseguiu seu primeiro emprego em cinema, trabalhando como eletricista no filme *Mãos sangrentas* (1954). Pela Maristela também passaram vários técnicos importantes da Boca, que cruzariam com Galante, como Sylvio Renoldi, Osvaldo de Oliveira e Sergio Ricci.

Com o fim da Maristela, em 1958, Palácios começa a produzir a série de TV *O vigilante rodoviário* (1962), dirigida por Ary Fernandes, e Galante segue o caminho de assistente de câmera em documentários institucionais de Jacques Deheizelin, além de integrar a equipe dos filmes *A ilha* e *As cariocas*, de Walter Hugo Khouri. Com trabalhos esporádicos e pleno contato com o pessoal de cinema, Galante também começa a comprar e vender materiais cinematográficos: restos de negativos, câmeras, equipamentos de iluminação, moviolas e gravadores Ampex.

Em 1966, ele reencontra Palácios, que resolve apoiá-lo com o dinheiro da venda do *Vigilante*. Mas Galante permanecia insatisfeito, e mais interessado em trabalhar diretamente com filmagem.

Numa dessas transações de compra e venda de material cinematográfico, Galante encontra os negativos de um filme inacabado que havia sido dirigido por Ody Fraga cinco anos antes. Vendo aquele material de cerca de quarenta minutos, Galante resolve terminá-lo e chama um amigo da época da Maristela, o montador Sylvio Renoldi. Os dois enfrentam vários problemas. Já não se poderia, por exemplo, usar o mesmo ator, após tantos anos. Num golpe de sorte — e de oportunismo —, um dia Galante e Renoldi pegam um táxi e percebem que o motorista era muito parecido com o ator. Resultado: o taxista acaba fazendo as pontas necessárias para montar o filme. Mesmo assim ainda faltavam alguns minutos para que se atingisse um tempo-padrão de exibição, então Galante e Renoldi resolvem filmar um striptease numa boate aonde o personagem iria solitariamente todas as noites. Esse artifício produz um dos primeiros filmes brasileiros em que o apelo erótico era um chamariz para o público. Os dois ainda filmam algumas cenas de casais em praças e parques de São Paulo e cenas de ruas e luminosos à noite.

Apesar dessas dificuldades, o filme, um tanto irregular, apresenta momentos memoráveis, como a cena de abertura, provavelmente uma das mais ágeis do cinema brasileiro. O título é mudado de *As eróticas* para *Vidas nuas* e eles finalmente conseguem espaço de exibição no cine República — com mais de 4 mil lugares. Galante faz propaganda em toda a região da Cinelândia, no centro de São Paulo, e surpreendentemente o filme torna-se um sucesso.

Em seguida, ele e Renoldi produzem *Trilogia do terror* — filme de três episódios, dirigidos por Person, Candeias e Mojica —, que também tem um bom resultado de bilheteria.

Alfredo Palácios, que ainda mantinha a sociedade com Galante no comércio de equipamentos, percebe seu tino — além da sorte e do faro — para produção e propõe uma nova sociedade. Naquele momento nasce a Serviços Gerais de Cinema, ou Servicine.

Na mesma época, o estreante diretor catarinense Sylvio Back aparece com o seu *Lance maior*, que precisava ser finalizado; e a empresa entra na jogada. A segunda cartada foi idéia de Galante: *O cangaceiro sanguinário*. Nesse filme, a Servicine entra diretamente na produção e, para isso, aciona todo um elenco de técnicos paulistas, que formaria o “núcleo duro” das produções da primeira fase da empresa: Osvaldo de Oliveira, na direção, no roteiro e na fotografia; Sergio Ricci, na direção de produção;

Miro Reis, na equipe; e Sylvio Renoldi, na montagem. Os elos de trabalho — e de confiança — entre Galante e Palácios vinham do tempo da Maristela e de um filme importante na formação de uma série de grandes profissionais do cinema paulista: *O cabeleira* (1962), de Milton Amaral, do qual participaram Cláudio Portioli, Pio Zamuner, Miro Reis e, como roteirista, Ody Fraga.

Na Servicine, a grande força era Osvaldo de Oliveira, responsável por várias funções nos filmes produzidos. Ele vinha da Maristela e continuava trabalhando para Palácios como diretor de fotografia da série *O vigilante rodoviário*. Tinha uma visão apurada da decupagem, do enquadramento, uma direção segura e ainda escrevia histórias que caíam no gosto popular. Como diretor de fotografia, tornou-se mestre de uma geração que começava a trabalhar naquele período, gente como Antonio Meliande, Cláudio Portioli, Rubens Eleutério e Antônio Moreiras.

Na divisão de trabalho, Galante ficava com a parte relacionada à administração e Palácios se envolvia mais diretamente com a produção. Ambos foram pioneiros numa prática que depois se tornou recorrente na Boca: a associação com os exibidores para levantar recursos. Isso, e mais uma série de instrumentos estatais de apoio ao cinema, os ajudou a produzir 28 filmes entre 1968 e 1976. Em alguns deles, só participaram da



Vidas nuas (1967)

finalização e da negociação, mas trabalharam num grande leque de filmes de diferentes gêneros: filmes experimentais como *O pornógrafo*, *Em cada coração um punhal* e *A mulher de todos*; "westerns feijoadas" como *Rogo a Deus e mando bala*; filmes de cangaço como *O cangaceiro sanguinário* e *O cangaceiro sem Deus*; filmes sertanejos como *Sertão em festa* e *No rancho fundo*; comédias eróticas como *Os garotos virgens de Ipanema*;

dramas como *Lance maior* e *À flor da pele*; e filmes de época baseados em clássicos da literatura como *Lucíola*, *o anjo pecador*. Esses filmes foram a primeira oportunidade de muitos diretores, de Márcio Souza e João Batista de Andrade a Alfredo Sternheim e Francisco Ramalho Jr.

A associação em torno da Servicine durou até 1976 e Galante constituiu no mesmo ano outra importante empresa da Boca: a Produções Cinematográficas Galante.

O veterano Palácios, ainda em 1976, dirigiu um episódio de um longa produzido por Ary Fernandes, mas só retornou à produção de filmes em 1978, já com outra empresa, que durou apenas dois anos.

Galante continuou a produzir em associação com os exibidores, principalmente com a empresa Sul, trabalhando com os mais diversos gêneros e diretores. Desde a fase da Servicine, seu braço direito nas filmagens era Osvaldo de Oliveira, que além de dirigir sete filmes para ele ainda trabalhou na fotografia de outros. Nos primeiros anos, a P. C. Galante produziu uma série de filmes de presídios, como *Presídio de mulheres violentadas* e *Escola penal de meninas violentadas*. (É curioso lembrar que Galante, orfão desde os dois anos de idade, viveu até os quinze num orfanato). Esses filmes de presídio, que fizeram sucesso na época, ajudaram a capitalizar a produtora e possibilitaram que ela se arriscasse em outras empreitadas.

Galante deu oportunidade para que Antonio Meliande começasse a dirigir, produziu quatro longas e um episódio de Carlos Reichenbach, dois longas de Walter Hugo Khouri, dois de Ody Fraga e filmes de João Ramalho Jr., José Miziara e Alfredo Sternheim, num total de aproximadamente trinta filmes até 1987.

Quando a Boca entrou em decadência, com a crescente dificuldade de manter os mesmos níveis de produção, ele começou a se desinteressar pelo trabalho. A partir de 1982, produziu alguns filmes muito baratos dirigidos por Conrado Sanches, que, como

Oswaldo de Oliveira, também escrevia, fotografava e dirigia, apesar de não imprimir a mesma qualidade.

Em 1986, Galante produziu, em parceria com a Embrafilme, *Anjos do arrabalde*, de Carlos Reichenbach, mas os caminhos do cinema brasileiro já não lhe permitiam continuar o trabalho de produtor. Em 1998, Galante tentou retornar à produção com *Casa de meninas*, de Inácio Araujo, e com *O carcará*, de Ícaro Martins, mas antes se aventurou numa produção idealizada por seu antigo parceiro na empresa Sul que teria a participação da dançarina Carla Perez. Com o fracasso do filme e os prejuízos da empreitada bancada por Galante, ele se recolhe novamente.

A trajetória de Antonio Polo Galante é própria de uma época em que havia a perspectiva de continuidade no trabalho com o cinema e, com isso, era possível projetar carreiras, que por vezes começavam nas funções menos prestigiadas da técnica. Uma época que mantinha o diálogo com certas tradições de trabalho. Um panorama no qual o produtor podia apontar caminhos, como deve ocorrer para a continuidade de uma boa cinematografia.

A Boca: centro do cinema voltado para o público popular

Arthur Autran

No quadro atual do cinema brasileiro, em que o público dos filmes é composto basicamente pela classe média, é difícil imaginar um filão voltado para a massa da população. Entretanto, do ponto de vista econômico, o público popular foi muito importante para o cinema brasileiro desde a década de 1930, quando do surgimento das primeiras comédias musicais, que mais tarde dariam forma à chanchada e consolidariam a relação com esse segmento até o início dos anos 60. A partir de então, a televisão absorveu o gênero chanchada, seus principais comediantes e até diretores.

No final da década de 60, diante da enorme repressão política e do avanço do capitalismo no país, a produção cinematográfica destinada ao público popular intensificou-se. O principal pólo de realização concentrava-se na pequena região central de São Paulo intitulada pelos jornais de Boca do Lixo devido ao grande número de prostitutas, traficantes e ladrões, que a tornavam recorrente nas páginas policiais.

Ocorre que a ligação dessa região com o cinema é bem anterior. Remonta à década de 1920, quando empresas distribuidoras se instalaram ali pela proximidade com as estações ferroviárias da Luz e Sorocabana, que serviam de escoadouro de filmes. Além das distribuidoras, escritórios de companhias exibidoras e mesmo produtoras se mudaram paulatinamente para lá, especialmente para a rua do Triunfo e imediações.

Porém, somente no final da década de 60 a região começou a se afirmar como importante centro produtor, estimulado pelas medidas do governo ditatorial implantadas através do Instituto Nacional de Cinema (INC), criado em 1966. É dessa época o aprimoramento da legislação que associava o distribuidor estrangeiro à produção nacional, permitindo que parte do imposto devido sobre a remessa de lucros fosse investida nos filmes. Isso resultou em fitas como *Trilogia do terror* (1967-8), de José Mojica Marins, Ozualdo R. Candeias e Luís Sérgio Person — associação da Franco-Brasileira com a Produtora Nacional de Filmes e com a Produções Cinematográficas Galasy —, *Madona de cedro* (1968), de Carlos Coimbra — associação da Metro Goldwyn Mayer com a Cinedistri —, e *As gatinhas* (1969), de Astolfo Araújo — associação da Gália Filmes com a Servicine e com a Cinematográfica Zonari. Também foi significativa a instituição de um prêmio — cujo montante era inicialmente de 10% sobre a renda líquida dos filmes —, pois colaborava na capitalização dos produtores iniciantes e dava maior segurança financeira aos experientes. A partir de 1969, o INC aumentou a obrigatoriedade de exibição de filmes brasileiro para 63 dias por ano (em 1975, quando o órgão foi extinto, a obrigatoriedade era de 112 dias); isso ampliou o espaço do

produto nacional no mercado e ainda estimulou alguns exibidores a participarem da produção para maximizar os lucros.

O epicentro da “Boca do Cinema”, como também passou a ser conhecida a região, era o mitológico bar e restaurante Soberano, local onde os produtores muitas vezes recrutavam suas equipes e onde se escreviam roteiros, planejavam-se filmes, circulavam informações sobre o próximo trabalho e, sobretudo, se discutia o cinema.

A origem social dos profissionais de cinema da Boca do Lixo era eminentemente popular, o que não impediu que cineastas de classe média, com uma obra marcadamente pessoal, fossem incorporados ao grupo: Rogério Sganzerla, Carlos Reichenbach, Walter Hugo Khouri, Guilherme de Almeida Prado, Ícaro Martins e José Antônio Garcia. O trabalho fotográfico de Ozualdo Candeias e o seu curta-metragem *Festa na Boca* (1976) registram justamente a complexidade das relações sociais ali estabelecidas.

Críticos e historiadores do cinema costumam afirmar que, naquela época, a “pornochanchada” teve importante papel na conquista do público popular. Entretanto,



***Lucíola, o anjo pecador* (1975)**

Lixo se desenvolveu para além da pornochanchada e de outros subgêneros do filme erótico. Além de dramas como *Mulher, mulher* (1979), de Jean Garrett, e *Uma estranha história de amor* (1979), de John Doo, a Boca produzia vários outros gêneros, tais como: terror — *O estranho mundo de Zé do Caixão* (1968), de José Mojica Marins; caipira — *Sertão em festa* (1970), de Osvaldo de Oliveira; faroeste — *Rogo a Deus e mando bala* (1972), de Osvaldo de Oliveira; histórico — *Independência ou morte* (1972), de Carlos Coimbra; aventura — *Caçada sangrenta* (1974), de Ozualdo R. Candeias; e policial — *O signo de escorpião* (1974), de Carlos Coimbra.

Em geral as fitas eram realizadas com orçamentos muito pequenos e a toque de caixa, o que fica explícito no roteiro, na fotografia, no som etc. Exceção a esse quadro são os filmes da empresa de Oswaldo Massaini, a Cinedistri, que manteve certo nível de produção e que chegou a realizar algumas superproduções para o padrão brasileiro, como *Independência ou morte*. Mas se houve uma produtora que bem representou o cinema da Boca foi a Servicine, de Antonio Polo Galante e Alfredo Palácios, com seus filmes de orçamento modesto. Outros produtores relevantes foram Aníbal Massaini, Manuel Augusto Cervantes, David Cardoso e Cláudio Cunha.

Em termos estéticos, os resultados da produção da Boca do Cinema são muito díspares. Aparentemente, boa parte dos filmes carece de qualidade, mas diretores como Osvaldo de Oliveira, Jean Garrett, Ody Fraga e Cláudio Cunha ainda esperam por uma avaliação crítica menos marcada pelo moralismo e pelo elitismo cultural. De qualquer forma, há obras da Boca que já foram devidamente reconhecidas: *O Bandido da Luz Vermelha* (1968) e *A mulher de todos* (1969), de Rogério Sganzerla; *Meu nome é Tonho* (1969), de Ozualdo R. Candeias; *Império do desejo* (1980), de Carlos Reichenbach, e *Convite ao prazer* (1980), de Walter Hugo Khouri, dentre outras.

A partir da segunda metade dos anos 1970, com o afrouxamento da censura, a produção se concentrará cada vez mais nos filmes eróticos, que se tornam progressivamente mais “fortes” até se transformarem na pornografia *hardcore*, no

o termo é empregado para indicar um espectro de filmes por demais amplo e muitas vezes é tomado como sinônimo da produção da Boca do Lixo. A meu ver, a pornochanchada deve envolver as comédias de tom malicioso — inicialmente influenciadas por determinados filmes italianos em episódios — e de acabamento técnico em geral desleixado, das quais *Adulterio à brasileira* (1969), de Pedro Carlos Rovai, constitui ótimo exemplo.

Ao contrário do que vulgarmente se pensa, a produção da Boca do

início da década seguinte, com *Coisas eróticas* (1982), de Raffaele Rossi e Laente Calicchio. O filme pornográfico *hardcore* encontrou público expressivo e elevou numericamente a produção brasileira, mas ao custo da péssima qualidade, do esfacelamento do pequeno parque de produção montado anteriormente e do desbaratamento de quadros artísticos e técnicos, deixando o mercado em frangalhos. Logo, a difusão do videocassete e a produção pornô em vídeo contribuíram com o estiolamento daquele tipo de filme.

A crise crônica da economia nacional bem como a universalização da televisão também parecem ter sido fatais para a produção cinematográfica da Boca do Lixo, pois o público popular passou a contar com formas de entretenimento no seu próprio domicílio, esvaziando as salas de exibição. Isso explicaria, de par com o desinteresse do Estado pelo cinema e com a explosão dos custos devido à inflação galopante e à alta do dólar, o amesquinhaamento de gênero e estilo da produção da Boca, que já no final dos anos 1970 passa a se concentrar no filme erótico, e no início da década seguinte descamba para a pornografia explícita.

Hoje, resta saber se é possível recuperar o público popular para o cinema brasileiro. Em caso contrário, teríamos de nos contentar com a cristalização de uma produção que, apesar de focar a vida do povo, é realizada e consumida primordialmente pelas classes abastadas, o que não deixa de se relacionar com as representações profundamente negativas do popular presentes em *16060* (1996), de Vinicius Mainardi, *Domésticas, o filme* (2001), de Fernando Meirelles e Nando Olival, e *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles e Kátia Lund.

Rua do Triunfo, 134

Inácio Araujo

Uma vez, um universitário que conversava comigo para fazer um trabalho escolar disse que eu caracterizara o cinema paulista dos anos 70 como uma espécie de submundo. “Isso é o que você quis ouvir no que eu falei”, eu disse. E por que ele iria querer ouvir esse tipo de coisa? Bem, porque essa é a voz corrente.

Talvez a origem dessa associação esteja em chamar o cinema dessa época de cinema da Boca do Lixo. Mas, além de geograficamente exata, a denominação cai como uma luva para um cinema desprezado pelas classes letradas.

Naquele tempo, havia uma clara divisão: o cinema da Boca do Lixo (paulista, mas extensivo a filmes e cineastas cariocas) e o da Embrafilme (cujos cineastas eram frequentemente acusados de estarem associados ao regime militar).

A produção da Boca do Lixo era mais popular e diversificada. Além dos filmes voltados exclusivamente ao sexo, havia os filmes de terror, os sertanejos, os do cangaço, os policiais, os banguê-banguês, as comédias. Dirigida à chamada “classe C”, tinha um público similar ao da chanchada e mais receptivo ao filme brasileiro do que a classe média.

Ao contrário do que se possa imaginar, esse público menos privilegiado possuía grande intimidade com o cinema e o compreendia com melhor desenvoltura do que a classe rica. Talvez porque, menos ligados às letras, não exigissem dos filmes as virtudes literárias que as elites gostavam de apreciar; sabiam distinguir muito bem o que tinha ou não valor e originalidade. É importante lembrar que esses filmes eram feitos por pessoas com cultura similar à daquelas que os assistiam: eram realizados por artesãos também pouco letrados, que haviam aprendido a profissão trabalhando como técnicos.

Disse acima que a produção da Boca do Lixo não era exclusivamente de sexo, mas a verdade é que com o tempo a sexualidade tornou-se o assunto principal dos filmes,

embora os outros gêneros continuassem a ser produzidos. Havia quem julgasse essa importância como uma espécie de conspiração armada pela ditadura: dava-se o sexo e proibia-se a política. Hoje vemos que a ascensão do sexo parece estar mais ligada à intensa transformação cultural que vivíamos nos anos 60.

Também é verdade que a produção erótica da Boca era chamada de machista — com frequência pelos próprios machistas de carteirinha. E era mesmo: saindo das brumas medievais com que se tratava a sexualidade num país católico como o Brasil era difícil acreditar que fôssemos partir direto para a igualdade de sexos.

O que quero dizer é que, por interesses escusos ou por desinteresse, essa produção raramente foi vista pelo viés cinematográfico. Suas virtudes e limites ficaram soterrados pelos preconceitos que atingem, nesta ordem, toda produção popular feita no Brasil e tudo o que diz respeito à sexualidade. Se, a partir de 1964, aparecer pelada na *Playboy* já era sinônimo de prestígio, por que então as atrizes que fizeram aqueles filmes foram quase sempre estigmatizadas e desvalorizadas?

É bom ter em mente essas questões antes de tratarmos da obra de Antonio Polo Galante. Quando o conheci, em 1970, a Servicine ficava no pequeno prédio de número 134 da rua do Triunfo, o que, de certo modo, particularizava a produtora que era também de Alfredo Palácios. A maior parte das empresas — como a Cinedistri, de Oswaldo Massaini, e a Columbia —, estava no grande edifício de número 150.

No 134, depois de atravessar um pequeno corredor já estávamos na Servicine. Em mais de um sentido era uma empresa tremendamente aberta, e isso talvez fosse um dos motivos que faziam dela um ponto de encontro de cineastas, jovens ou velhos. Qualquer um podia chegar com seu projeto, que pelo menos seria acolhido.

Galante se ocupava basicamente da linha de frente da produção, enquanto Palácios fazia o trabalho de base (político, inclusive), de maneira que nós, técnicos, tínhamos mais contato com Galante, apesar de sua fama nem sempre ser boa. Não faltava quem reclamasse, muitas vezes com razão, dos baixos salários; mas também é verdade que um técnico apreciado teria trabalho constante.

A diversidade da produção era imensa: variavam os gêneros e também a qualidade dos filmes. O critério de seleção era a chance de dar certo na bilheteria, embora houvesse exceções como, por exemplo, a co-produção *A selva*, de Márcio Souza, em que a Servicine não botava fé.

Existiam outros produtores interessantes na Boca. Ao lado do número 134 ficava a empresa de Renato Grecchi, que foi, talvez até mais do que a Servicine, a produtora por excelência dos chamados “marginais”, embora tenha ido à falência. Havia também Augusto Cervantes, que trabalhava com Mojica e participava dos dois primeiros filmes de Candeias. E, claro, Oswaldo Massaini, que ganhara uma Palma de Ouro e, ao contrário de Galante e Palácios, vivia a razoável distância, com sua própria equipe, elenco e modo de agir. Massaini interferia bastante nos filmes realizados; eles eram, antes de tudo, “filmes Cinedistri” e ostentavam um padrão de produção bem superior ao dos demais, mesmo que o resultado final não fosse tão superior assim.

A interferência de Massaini na produção era bastante perceptível, problema que os filmes de Galante nunca tiveram, na Servicine ou depois dela. Galante trabalhou com diversos cineastas: de Oswaldo de Oliveira — o artesão-padrão da Servicine — a Francisco Ramalho, de Walter Hugo Khouri a Roberto Mauro, de Antonio Meliande a Carlos Reichenbach. Trabalhava tanto com pessoas de origem pobre, formadas no artesanato cinematográfico, quanto com os rapazes da classe média, em geral mais instruídos. E isso mesmo após o divórcio de Palácios e o fim da Servicine.

Não sei se é o caso de afastar a imagem de submundo que se tem da Boca. De certa forma era mesmo um mundo à parte, por onde circularam Rogério Sganzerla, João Callegaro, Ozualdo R. Candeias, José Mojica Marins, Carlos Reichenbach, Roberto Santos, Rubem Biáfora e Walter Hugo Khouri, para ficar apenas nos mais conhecidos. O ponto de encontro era o bar Soberano. Os técnicos apareciam por lá religiosamente depois das filmagens, e ali eram convidados a participar das próximas produções.

Galante & Palácios produziram muita gente. Tinham agilidade, entravam em filmes em conclusão. Lembro-me de um médico que começou a fazer um filme sobre um processo de raio X que ele teria desenvolvido. Queria recuperar o dinheiro perdido. Depois que bateu na Servicine, o filme virou um híbrido: em parte científico e em parte ficcional, a história de um sujeito que usava o raio X para ver mulheres peladas.

Galante costumava dar muita liberdade a seus diretores. Exigia apenas que trabalhassem com rapidez e dentro do orçamento e, claro, que respeitassem as leis do gênero. De todos os produtores que conheci, é um dos raros que tinha “olho”: sabia dizer se o filme era bom ou não apenas examinando os copiões.

A parceria com Reichenbach também foi bem-sucedida. Galante não se incomodava em nada com aqueles filmes que julgava meio incompreensíveis. O público gostava, eram bem filmados e Carlão não estourava o prazo nem o orçamento. Em contrapartida, Galante não se intrometia na filmagem — condição indispensável para fazer filmes com Carlão.

Raras pessoas tinham uma reputação de esperteza tão grande quanto a de Galante. Ele começou como eletricista na Maristela (ou Vera Cruz?) e logo ganhou fama de nunca ter feito um mau negócio. Mas houve um, sim. Quando ele e Palácios fundaram a Servicine, este se dispôs a entrar com a série *O vigilante rodoviário*, que produzira



À flor da pele (1976)

para a TV no começo dos anos 60. Em troca, Galante deveria entrar com a *Trilogia do terror*. Mas, como a *Trilogia* era um filme novo, em que Galante apostava, ele resolveu não topar. No entanto, até meados dos anos 70, as cópias do *Vigilante* circulavam intensamente pelo interior, com ótimas bilheterias

Galante também era especialmente dotado para boas idéias. Quando montou um estúdio em Santana,

todo mundo achou que ele estava ficando louco: para que serviria um estúdio àquela altura dos acontecimentos? Intuitivo ou não, logo depois a Rede Globo iniciou sua produção na cidade e alugou e equipou o estúdio de Santana.

Outro caso que mostra seu tino foi quando realizou *As safadas*. Se não me engano, era início de 1982 e havia uma forte inflação. Quanto mais demorasse para fazer o filme, maior seriam os custos. Ora, como produzia basicamente com dinheiro dos coprodutores (circuitos de exibição) e como esse dinheiro não se multiplicava, havia que concluir o filme o mais rápido possível. Foi aí que teve a idéia de dividi-lo em três episódios, para serem filmados simultaneamente com equipes diferentes. Resultado: em 28 dias o filme estava pronto — do início da produção até a primeira cópia.

Com a chegada do pornô, Galante sumiu do mapa, como, aliás, um monte de gente. Voltou anos depois com um ambicioso plano de produzir três ou quatro filmes e, acredito, excesso de confiança em si mesmo. Antes de levar o plano adiante, embarcou numa aventura estranha, *Cinderela baiana*, que lhe rendeu um prejuízo imenso e anos de enormes dores.

Agora novamente temos acesso à produção da Boca do Lixo. Num país em que se vive dizendo que não existem produtores, é interessante notar como a obra de um Galante (e também de um Cervantes, por exemplo) passa por nossos olhos sem que eles retenham de tudo, senão os próprios preconceitos.

O CINEMA DA BOCA DO LIXO

A Produção de A. P. Galante



VIDAS NUAS *São Paulo, 1967 - 35mm, p&b, 85 minutos*

Produção: Antonio Polo Galante e Sylvio Renoldi

Direção: Ody Fraga

Roteiro: Ody Fraga (baseado em argumento de sua autoria)

Fotografia: Billy Kostal

Montagem: Sylvio Renoldi

Elenco: Francisco Negrão, Maria Alba, Alfredo Scarlat, Nelcy Martins e Tania Reys

Cia. produtora: Galasy (A. P. Galante, Sylvio Renoldi)

Homem desiludido com a vida e com as traições da mulher passa as noites numa boate e se envolve com a enteada.

dia 10 às 18h30 – dia 16 às 14h30

A MULHER DE TODOS *São Paulo, 1969 - 35mm, p&b, 80 minutos*

Produção: Rogério Sganzerla, Alfredo Palácios e Antonio Polo Galante

Direção: Rogério Sganzerla

Roteiro: Rogério Sganzerla (baseado em argumento de Egidio Eccio)

Fotografia: Peter Overbeck

Montagem: Franklin Pereira

Elenco: Helena Ignez, Stênio Garcia, Jô Soares, Paulo Villaça, Antonio Pitanga, Abraão Farc, Renato Corrêa e Castro e Thelma Reston

Cia. produtora: Servicine

Ângela Carne e Osso, cansada do marido e do amante, passa o fim de semana na Ilha dos Prazeres Extremos e convive com novos e excêntricos amantes.

dia 9 às 20h30 – dia 13 às 16h30 - dia 20 às 16h30

O PORNOGRAFO *São Paulo, 1970 - 35mm, p&b, 88 minutos*

Produção: Alfredo Palácios, Antonio Polo Galante, Sylvio Renoldi e João Callegaro
Direção e seleção musical: João Callegaro
Roteiro: João Callegaro e Jairo Ferreira
Fotografia: Osvaldo de Oliveira
Montagem: Sylvio Renoldi
Elenco: Stênio Garcia, Sérgio Hingst, Liana Duval, Júlia Miranda, Edgard Gurgel Aranha, Bentinho e Francisco di Franco
Cia. produtora: Servicine, Itu P. C., João Callegaro P. C. e Sylvio Renoldi P. C.

Miguel Metralha, sonhando ser um gângster de filme *noir*, começa a trabalhar numa editora de revistas pornográficas. Seu chefe morre e ele assume o posto e as confusões do cargo.

dia 13 às 20h30 – dia 15 às 14h30 – dia 20 às 14h30

LÚCIA MCCARTNEY, UMA GAROTA DE PROGRAMA

Rio de Janeiro e São Paulo, 1971 - 35mm, cor, 84 minutos

Produção: David Neves, Alfredo Palácios e Antonio Polo Galante
Direção: David Neves
Roteiro: David Neves e Rubem Fonseca (baseado nos contos "Lúcia McCartney" e "O caso de F. A.", de Rubem Fonseca)
Fotografia: José Almeida
Montagem: Mair Tavares
Elenco: Adriana Pietro, Paulo Villaça, Isabela, Albino Pinheiro, Nelson Dantas, Marcia Rodrigues, Odete Lara, Maria Gladys e Rodolfo Arena
Cia. produtora: Filmes da Matriz (RJ) e Servicine (SP)

Lúcia, moça alegre e fã dos Beatles, presta "serviços" a homens ricos. Mais tarde, é explorada numa boate e um frequentador tenta tirá-la de lá.

dia 9 às 16h30 – dia 16 às 20h30

OS GAROTOS VIRGENS DE IPANEMA

São Paulo, 1973 - 35mm, cor, 92 minutos

Produção: Alfredo Palácios e Antonio Polo Galante
Direção e fotografia: Osvaldo de Oliveira
Roteiro: Osvaldo de Oliveira e Enzo Barone (baseado em argumento de Antonio Polo Galante)
Montagem: Sylvio Renoldi
Elenco: Mário Benvenuti, Nadyr Fernandes, Ricardo Picchi, Elizabeth Hartman, André Luiz e Carlos Miranda
Cia. produtora: Servicine

O pai de Dani desconfia da masculinidade do filho, mas este e o primo tentam por diversos e divertidos modos se iniciar sexualmente.

dia 11 às 18h30 – dia 17 às 20h30

LUCÍOLA, O ANJO PECADOR

São Paulo, 1975 - 35mm, cor, 114 minutos

Produção: Alfredo Palácios e Antonio Polo Galante

Direção: Alfredo Sternheim

Roteiro: Alfredo Sternheim (baseado em romance de José de Alencar)

Fotografia: Antonio Meliande

Montagem: Mauricio Wilke

Elenco: Rossana Ghessa, Carlo Mossy, Sergio Hingst, Clemente Viscaíno, Dorothy Leiner, Helena Ramos e Antonio Moreira

Cia. produtora: Servicine e Embrafilme

Paulo volta para o Rio e apaixona-se pela bela Lucíola. Mesmo ciente do interesse dela por ricos senhores da região, Paulo se envolve com a moça.

dia 9 às 18h30 – dia 16 às 16h30

À FLOR DA PELE

São Paulo, 1976 - 35mm, cor, 100 minutos

Produção: Alfredo Palácios e Antonio Polo Galante

Direção: Francisco Ramalho Jr.

Roteiro: Francisco Ramalho Jr. (baseado em peça de Consuelo de Castro)

Fotografia: Lúcio Kodato

Montagem: Mauricio Wilke

Elenco: Juca de Oliveira, Denise Bandeira, Beatriz Segall, Ewerton de Castro, Sergio Hingst, Maria de Castro e Sergio Mamberti

Cia. produtora: Servicine e Oca Cinematográfica

Marcelo, casado, autor de novelas e professor de teatro, envolve-se com Verônica, sua aluna. A jovem vive uma crise quando tenta ser reconhecida pelo mestre.

dia 9 às 14h30 – dia 16 às 18h30

PRESÍDIO DE MULHERES VIOLENTADAS

São Paulo, 1977 - 35mm, cor, 87 minutos

Produção: Antonio Polo Galante

Direção: Osvaldo de Oliveira

Roteiro: Rajá de Aragão e Osvaldo de Oliveira (baseado em argumento de Antonio Polo Galante)

Fotografia: Tony Rabatoni e Osvaldo de Oliveira

Montagem: Miklos Burger

Elenco: Hugo Bidet, Turíbio Ruiz, Esmeralda Barros, Meiry Vieira, Gláucia Maria, Zilda Mayo, Cinira Camargo, Patrícia Scalvi, Eudósia Acuña

Cia. produtora: P. C. Galante, Paris Filmes, Grupo Internacional Cinematográfico

Moça é mandada para presídio feminino e sofre com os trabalhos forçados e as disputas entre detentas. Para sobreviver, muito assédio e troca de favores.

dia 8 às 16h30 – dia 11 às 20h30 – dia 17 às 18h30



Convite ao prazer (1980)



O pornógrafo (1970)



A ILHA DOS PRAZERES PROIBIDOS

São Paulo, 1978 - 35mm, cor, 85 minutos

Produção: Antonio Polo Galante

Direção, roteiro e fotografia: Carlos Reichenbach

Montagem: Walter Wanny

Elenco: Neide Ribeiro, Roberto Miranda, Fernando Benini, Zilda Mayo, Meiry Vieira e Teka Klaus

Cia. produtora: P. C. Galante e Ouro Filmes

Ana é contratada para matar um exilado político que vive numa ilha. Sente-se atraída por seu guia e fica confusa com a vida de amor livre que encontra.

dia 13 às 18h30 – dia 20 às 18h30

TERAPIA DO SEXO

São Paulo, 1978 - 35mm, cor, 85 minutos

Produção: Antonio Polo Galante e Roberto Polo Galante

Direção e roteiro: Ody Fraga

Colaboração no roteiro: Dr. José Angelo Gaiarsa

Fotografia: Henrique Borges

Montagem: Jair Garcia Duarte

Elenco: Neide Ribeiro, Marta Maciel, Sueli Aoki, Teka Klaus, Tânia Poncio e Nere de Passy

Cia. produtora: P. C. Galante

Em tom de documentário, o filme aborda problemas e disfunções sexuais, com dramatizações e comentários de casos reais feitos pelo dr. Gaiarsa.

dia 10 às 20h30 – dia 18 às 18h30 – dia 19 às 20h30

BORDEL, NOITES PROIBIDAS

São Paulo, 1980 - 35mm, cor, 90 minutos

Produção: Antonio Polo Galante

Direção e fotografia: Osvaldo de Oliveira

Roteiro: Ody Fraga (baseado em argumento de Antonio Polo Galante)

Montagem: Walter Wanny

Elenco: Mario Benvenuti, Rossana Ghessa, Ruy Leal, Fabio Villalonga, Alvarado Taddei, Fátima Leite e Jack Militello

Cia. produtora: P. C. Galante e Paris Filmes

Empregado de cassino clandestino, Sarja é auxiliado pela amiga Margot para roubar o patrão. Em meio às festas no cassino, Sarja põe o plano em ação.

dia 11 às 14h30 – dia 12 às 20h30 – dia 17 às 16h30



A ilha dos prazeres proibidos (1978)



A filha de Calígula (1981)

CONVITE AO PRAZER

São Paulo, 1980 - 35mm, cor, 113 minutos

Produção: Antonio Polo Galante

Direção e roteiro: Walter Hugo Khouri

Fotografia: Antonio Meliande

Montagem: Gilberto Wagner

Cenografia: Campello Neto

Elenco: Roberto Maya, Sandra Brea, Serafim Gonzales, Helena Ramos, Aldine Muller, Kate Lyra, Nicole Puzzi, Patrícia Scalvi e Rossana Ghesa

Cia. produtora: P. C. Galante

Distribuição: Embrafilme

Marcelo organiza festas num apartamento e convida seu pacato amigo Leonardo, casado, que fica conhecendo um mundo de luxúria e traição.

dia 12 às 14h30 – dia 19 às 16h30

A FILHA DE EMMANUELLE

São Paulo, 1980 - 35mm, cor, 94 minutos

Produção: Antonio Polo Galante

Direção, roteiro e fotografia: Osvaldo de Oliveira

Montagem: Gilberto Wagner

Elenco: Vanessa Alves, Cinira Camargo, Benjamin Cattán, Daniela Ferrite, Marisa Meyer, Maristela Moreno, Sergio Hingst e Satã

Cia. produtora: P. C. Galante

No fervor das descobertas sexuais, a bela e rica Vanessa é “medicada” com alucinógenos por seus tutores, confundindo experiências e visões.

dia 8 às 18h30 – dia 11 às 16h30 – dia 17 às 14h30

IMPÉRIO DO DESEJO

São Paulo, 1980 - 35mm, cor, 96 minutos

Produção: Antonio Polo Galante

Direção, roteiro e seleção musical: Carlos Reichenbach

Fotografia: Alfredo Stinn
(pseudônimo de Carlos Reichenbach)

Montagem: Gilberto Wagner

Elenco: Roberto Miranda, Benjamin Cattán, Meiry Viera, Marcia Fraga, Aldine Muller, Missaki Tanaka, José Luis França e Orlando Parolini

Cia. produtora: P. C. Galante

Sandra deixa um casal hippie cuidando de sua casa de praia. O local se transforma num espaço libertário de poesia, música e sexo.

dia 12 às 18h30 – dia 15 às 18h10 – dia 19 às 14h30

A FILHA DE CALÍGULA

São Paulo, 1981 - 35mm, cor, 80 minutos

Produção: Antonio Polo Galante
Direção, roteiro e seleção musical: Ody Fraga
Fotografia: Odon Cardoso
Montagem: Vanderlei Klein
Elenco: Danielle Ferrite, Marcia Fraga, Sonia Regina, Roque Rodrigues, Marcio Nogueira, Bentinho e Jota Santana
Cia. produtora: P. C. Galante

Com a morte do pai, a filha de Calígula é pressionada pelo tio para se casar com um dos seus asseclas. Disputas entre os auxiliares põem o plano em risco.

dia 10 às 16h30 – dia 18 às 16h30

LILIAN, A SUJA

São Paulo, 1981 - 35mm, cor, 85 minutos

Produção: Antonio Polo Galante
Direção e fotografia: Antonio Meliande
Roteiro: Antonio Meliande e Rajá de Aragão
Elenco: Lia Furlin, Felipe Levy, Luis Carlos Braga, Roque Rodrigues, Leonor Lambertini, Felipe Donovan e Jônia Freund
Cia. produtora: P. C. Galante

Lilian, uma garota com dificuldades em casa e no trabalho, passa as noites em boates. Após matar os homens que seduz, deixa sua marca: "Lilian, a suja".

dia 12 às 16h30 – dia 19 às 18h30

UMA AULA DE SANFONA

São Paulo, 1982 - 35mm, cor, 30 minutos

(Episódio do longa *As safadas*)

Produção: Antonio Polo Galante
Direção, roteiro e montagem: Inácio Araujo
Fotografia: Concórdio Matarazzo
Elenco: Sandra Graffi, Armando Tiraboschi, Isa Kopelman e Claudio Mamberti
Cia. produtora: P. C. Galante

Duas irmãs que dividem um pequeno apartamento se envolvem com um vizinho professor de acordeom.

dia 15 às 18h30 – dia 18 às 14h30 – dia 20 às 18h30

O GALANTE REI DA BOCA

São Paulo, 2004 - vídeo, cor, 50 minutos

Direção, roteiro e produção: Alessandro Gamo e Luis Rocha Melo
Direção de produção: Noel Carvalho
Fotografia: André Francioli
Montagem: Severino Dadá e Eduardo Kishimoto
Cia. produtora: CPC-UMES, Inventarte e Maloca Filmes

Documentário sobre a trajetória de Antonio Polo Galante, conhecido como "O Rei da Boca". O filme faz um mapeamento do trabalho e das formas de produção na Boca do Lixo.

**dia 8 às 14h30 – dia 13 às 14h30 – dia 15 às 16h30
dia 18 às 14h30 – dia 20 às 20h30**

Ozualdo R. Candeias

UMA RUA CHAMADA TRIUMPHO 1969/70

UMA RUA CHAMADA TRIUMPHO 1970/71

São Paulo, 1971 - 35mm, p&b, 11 minutos (1969/70) e 9 minutos (1970/71)

Direção, roteiro e fotografia: Ozualdo R. Candeias

Montagem: Luiz Elias

Produção: Jorge Alberto M. Teixeira, Antônio Roberto de Godoy e Cesário Felfiti

Cia. produtora: Cinegeral e Long Filmes P. C.

Documentários realizados a partir de fotos tiradas por Ozualdo R. Candeias, que revelam o convívio na rua do Triunfo, coração da Boca do Lixo de Cinema.



BOCADOLIXOCINEMA ou FESTA NA BOCA

São Paulo, 1976 - 35mm, p&b, 12 minutos

Direção, fotografia e montagem: Ozualdo R. Candeias

Produção: Sady Sacalante

Cia. produtora: LynxFilm

Documentário que retrata a festa de virada de ano realizada na rua do Triunfo em 1976, com a entrega de prêmios para os melhores do ano da Boca.



O pessoal da BOCA DO LIXO-CINEMA,
gostaria de sua companhia na
"festa" de despedida do ano 76, que
se realizará na rua do triunfo 13,
no dia 31-12-76 a partir das 12 horas
Que 77 seja melhor que 76

Poderá haver o que comer,
o que dançar, o que beber...

São Paulo, 31-12-76

dia 8 às 14h30 - dia 13 às 14h30 - dia 15 às 16h30 - dia 20 às 20h30

Agradecemos a Ozualdo R. Candeias pela cessão do direito de reprodução do material fotográfico do livro "Uma rua chamada Triumpho" nesta página e pg. 1 e 2.

FILMOGRAFIA DE ANTONIO POLO GALANTE

1967

Vidas nuas, de Ody Fraga

1968

Lance maior, de Sylvio Back

Trilogia do terror, de Ozualdo R. Candeias, Luís Sérgio Person e José Mojica Marins

1969

A doce mulher amada, de Ruy Santos

As armas, de Astolfo Araújo

A mulher de todos, de Rogério Sganzerla

Gamal, o delírio do sexo, de João Batista de Andrade

Em cada coração um punhal, de Sebastião de Souza,

José Rubens Siqueira e João Batista de Andrade

O cangaceiro sanguíneo, de Osvaldo de Oliveira

O cangaceiro sem Deus, de Osvaldo de Oliveira

América do sexo, de Luiz Rosemberg, Flávio Moreira da Costa, Rubem Maia e Leon Hirszman

1970

Memória de Halena, de David Neves

As gatinhas, de Astolfo Araújo

Luta nos pampas, de Alberto Severi (produção de 1965, comprada e relançada pela Servicine em 1970)

O pornógrafo, de João Callegaro

1971

Guerra dos pelados, de Sylvio Back

Ipanema toda nua, de Líbero Miguel

No rancho fundo, de Osvaldo de Oliveira

Luar do sertão, de Osvaldo de Oliveira

Lista negra para Black Medal, de Carlos Augusto de Oliveira

Paixão na praia, de Alfredo Sternheim

Lúcia McCartney, uma garota de programa, de David Neves

1972

Rogo a Deus e mando bala, de Osvaldo de Oliveira

O homem que descobriu o invisível, de Aldir Mendes de Souza

As deusas, de Walter Hugo Khouri

1973

Os garotos virgens de Ipanema (ou As purinhas do

Guarájá), de Osvaldo de Oliveira

O último êxtase, de Walter Hugo Khouri

1974

As cangaceiras eróticas, de Roberto Mauro

Trote dos sádicos, de Aldir Mendes de Souza

1975

As mulheres sempre querem mais, de Roberto Mauro

Luciola, o anjo pecador, de Alfredo Sternheim

O desejo, de Walter Hugo Khouri

1976

Kung Fu contra as bonecas, de Adriano Stuart

Sabendo usar não vai faltar, de Francisco Ramalho Jr., Sidnei Paiva Lopes e Adriano Stuart

Ilha das cangaceiras virgens, de Roberto Mauro

As meninas querem... e os coroaos podem, de Osvaldo de Oliveira

A flor da pele, de Francisco Ramalho Jr.

1977

Presídio de mulheres violentadas, de Osvaldo de Oliveira

Internato de meninas virgens, de Osvaldo de Oliveira

Pensionato das vigaristas, de Osvaldo de Oliveira

1978

Escola penal de meninas violentadas, de Antonio Meliande

Meus homens, meus amores, de José Miziara

A ilha dos prazeres proibidos, de Carlos Reichenbach

Fugitivas insaciáveis, de Osvaldo de Oliveira

Terapia do sexo, de Ody Fraga

Reformatório das depravadas, de Ody Fraga

1979

Nos tempos da vaselina, de José Miziara

O prisioneiro do sexo, de Walter Hugo Khouri

1980

A filha de Emmanuelle, de Osvaldo de Oliveira

Bordel, noites proibidas, de Osvaldo de Oliveira

Convite ao prazer, de Walter Hugo Khouri

Império do desejo, de Carlos Reichenbach

1981

Paraíso proibido, de Carlos Reichenbach

Filhos e amantes, de Francisco Ramalho Jr.

A filha de Calígula, de Ody Fraga

A prisão, de Osvaldo de Oliveira

Lilian, a suja, de Antonio Meliande

As prostitutas do Dr. Alberto, de Alfredo Sternheim

1982

A primeira noite de um adolescente, de Antonio Meliande

A menina e o estuprador, de Conrado Sanches

As safadas, de Carlos Reichenbach, Inácio Araujo, Antonio Meliande

1983

A menina e o cavalo, de Conrado Sanches

1986

Anjos do arrabalde (ou As professoras), de Carlos Reichenbach

1987

Prisioneiras da selva amazônica, de Conrado Sanches

1998

Cinderela baiana, de Conrado Sanches

FICHA TÉCNICA DA MOSTRA

Curadoria e produção executiva

Eugênio Puppó

Consultoria

Alessandro Gamo
Arthur Autran

Coordenação de produção

Fábio Dell'Ore

Assessoria de imprensa

Pró-Cultura

Produção

Alexandre Britto
Maria Gabriela Ramos

FICHA TÉCNICA DO CATÁLOGO

©Heco Produções, 2004

Concepção editorial e pesquisa de imagens

Eugênio Puppó
Fábio Dell'Ore

Organização

Eugênio Puppó

Edição de textos

Thyago Nogueira
Eugênio Puppó

Direção de arte

Pedro Di Pietro

Colaboração

Manuela Galante
André Sigwalt
Mila Signorelli

Coordenação e produção gráfica

GFK Comunicação

Apoio institucional

Cinemateca Brasileira

Patrocínio e realização

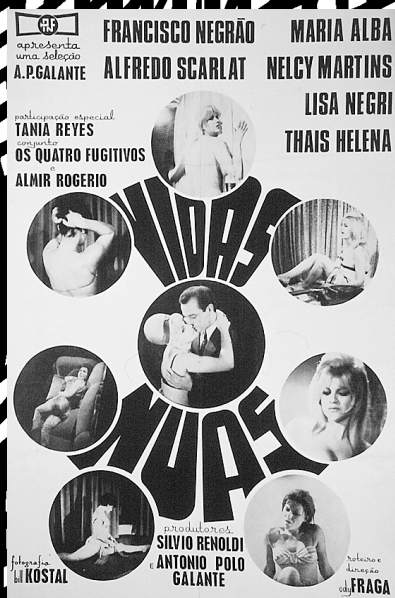
Centro Cultural
Banco do Brasil

Fotos da contracapa

Ozualdo R. Candeias

Projeto cultural

Heco Produções



Patrocínio e Realização

Rua Álvares Penteado, 112
Centro São Paulo SP
Próximo às estações Sé e São Bento do Metrô
Informações (11) 3113 3651 / 3113 3652
cultura-e.com.br


**CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL**